

Ulysses, irritado, diz que não houve acerto

"Não há entendimento nenhum, porque eu não me entendi sobre nada com o ministro". A declaração, em tom irritado, é do presidente da Constituinte e do PMDB, deputado Ulysses Guimarães, que ontem não queria saber de conversa sobre a possibilidade de um acordo do Brasil com o FMI. Ulysses Guimarães havia tomado o café da manhã, em sua residência, na península dos ministros, com o ministro da Fazenda, Bresser Pereira.

Apesar de ter conversado pessoalmente com o ministro, o deputado Ulysses Guimarães disse que não houve tempo para que as negociações em torno da dívida externa fossem esclarecidas por Bresser Pereira, e que não iria adiantar uma posição sobre o assunto antes de um relato mais detalhado. Mas reafirmou que a sua posição pessoal sobre o FMI já é conhecida: é de rejeição a um acordo que tradicionalmente leva à recessão e ao desemprego, e de defesa da soberania e do desenvolvimento do País.

Ulysses Guimarães marcou reunião-almôço, na residência oficial da presidência da Câmara, para hoje, com a presença dos líderes Mário Covas, Luiz Henrique e Fernando Henrique Cardoso, para que o ministro da Fazenda, Bresser Pereira, faça uma exposição detalhada das negociações preliminares que manteve nos Estados Unidos com os credores de nossa dívida externa. E, principalmente, para que esclareça as razões de uma mudança de posição do Governo brasileiro, para admitir um acordo com o Fundo Monetário Internacional.

O líder da bancada do PMDB na Câmara, deputado Luiz Henrique, reconhece que se trata de uma questão controversa dentro do partido, mas adverte

que os termos de uma negociação entre o Governo brasileiro e o FMI poderão ser colocados de forma diferente. O partido só não aceita, segundo o líder, a imposição de um modelo recessivo e nem o monitoramento de nossas contas internas, mas poderá examinar a possibilidade do acordo sem pré-condições.

As declarações que Bresser fez nos Estados Unidos já provocaram um pequeno terremoto dentro do PMDB. O deputado Euclides Scalco, 1º secretário da Executiva Nacional, lamentou que o ministro da Fazenda recoloque a possibilidade de um acordo com o FMI, "quando o partido tem uma posição histórica de condenação à forma ortodoxa como essa instituição trata igualmente países ricos e países pobres". Scalco exibiu o último documento do PMDB, aprovado pela recente Convenção Nacional, fazendo uma clara condenação a qualquer tipo de entendimento com aquela instituição.

O documento redigido por um grupo de economistas, tendo à frente o atual ministro da Cultura, Celso Furtado, declara textualmente: "Não aceitação do monitoramento da política econômica pelo FMI, independentemente do grau de formalização de tais acordos. Não se trata, apenas, de oposição a acordos formais, mas, também, de rejeitar acertos que comprometam a soberania na condução da política econômica nacional, com prejuízo dos objetivos de crescimento estabelecidos".

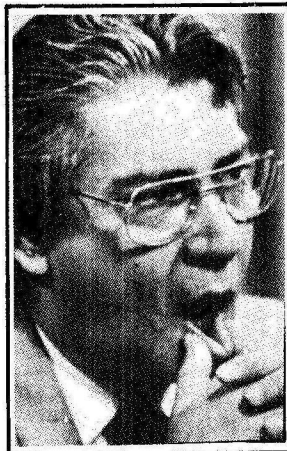
Não precisava ser mais explícito. O deputado Jorge Uequed, do PMDB gaúcho, acha que se trata de mais um motivo para que o partido exiba a divisão em duas bandas distintas. "Um lado vai aceitar o acordo, o outro lado vai combater"— profetiza, re-

conhecendo que o PMDB transforma-se, pouco a pouco, em um novo Partido Revolucionário Independente (o PRI mexicano), dentro do qual vão ocorrer as grandes lutas, o que representa o maior sintoma de artificialismo do quadro partidário.

Uequed alinha-se com o grupo mais à esquerda do PMDB e tem toda a razão ao prever uma luta interna. O deputado paranaense Oswaldo Macedo, também histórico, afirma que acordo com o FMI não poderá passar pelo partido. "Se passar é o fim", afirma. O paulista Roberto Cardoso Alves, da ala moderada, reconhece que acordo com o FMI virou "questão tabuada" no PMDB, ainda que compreenda que o caminho mais conveniente aos interesses do País é o entendimento com o FMI.

O líder do PMDB no Senado, Fernando Henrique Cardoso, admite que o PMDB examine a possibilidade de um acordo com o FMI, depois de ter concluído o entendimento com os banqueiros privados, desde que aquele organismo não imponha modelo de política econômica recessiva e nem exija o monitoramento de nossas contas internas.

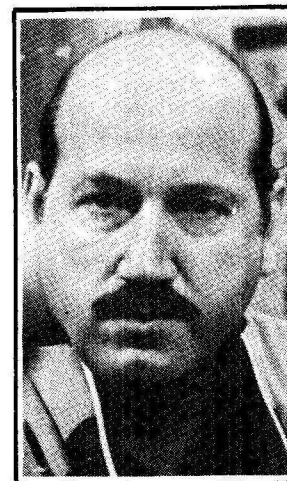
E a mesma posição do deputado Luiz Henrique, líder da bancada na Câmara. Assim mesmo, o dr. Ulysses Guimarães vai precisar de toda a sua notória habilidade para vencer as resistências dentro do seu partido à própria expressão Fundo Monetário Internacional". O pernambucano Oswaldo Lima Filho classificava de "desastrosa" a hipótese de qualquer entendimento com o FMI, sustentando que essa instituição nunca alterou seus padrões de comportamento, "que punem os trabalhadores mais humildes dos países do Terceiro Mundo".



Covas



Cardoso



Luiz Henrique